

A Importância do Português na “Nação Portuguesa de Hamburgo” e a *Gramática Hebraica* (1633) de Moshe Gideon Abudiente

The importance of Portuguese Language in the “Portuguese Nation in Hamburg” and Moshe Gideon Abudiente’s *Hebrew Grammar* (1633)

FLORBELA VEIGA FRADE

Doutora em História Moderna pela Universidade de Lisboa, investigadora bolsista da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no Centro de História de Além-Mar (CHAM) da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Universidade dos Açores, onde desenvolve projecto de pós-doutoramento sobre a produção religiosa, literária e científica da comunidade sefardita de Hamburgo no século XVII.

RESUMO Moshe Abudiente publicou em Hamburgo em 1633 a primeira gramática conhecida em Português-Hebraico naquela cidade e provavelmente no Norte da Europa. Mas sua importância vai além desta novidade na medida em que revela um eclectismo entre as tradições ibéricas e as judaico-árabes, nomeadamente no espaço dedicado ao ensino da poesia. Uma tendência com repercussões noutras gramáticas e gramáticos. A grande novidade que esta gramática introduz no panorama europeu é o uso do Português nas gramáticas hebraicas, revelando desse modo uma identidade linguística da comunidade sefardita de Hamburgo que começa a desaparecer apenas no século XVIII, mas com resquícios pelo menos até ao século XX. Para além disso, a língua portuguesa, junto com o castelhano, revela-se como língua do ensino nas academias sinagogais (*yeshivot*) pois a produção de gramáticas durante o século XVII tem a intenção expressa de ajudar o estudo dos *talmidim* nas principais sinagogas das “Nações Portuguesas” de Amesterdam e Hamburgo. Segundo os dados apurados, a esmagadora maioria das gramáticas neste período são em Português e Hebraico, tal como as inscrições nas sepulturas, deste modo há uma carga simbólica bastante acentuada pois as sinagogas e os cemitérios são locais especiais de ligação dos judeus ao Divino.

PALAVRAS-CHAVE Gramáticas hebraicas; Moshe Gideon Abudiente; Nação Portuguesa de Hamburgo; ensino do hebraico; século XVII.

ABSTRACT Moshe Gideon Abudiente published in 1633 in Hamburg the first known grammar in Portuguese-Hebrew in this city and maybe in Modern North Europe. This grammar eclectically joins an Iberian and a Judaic-Arabic tradition with special incidence in Poetry teaching, a tendency followed by other grammars and grammarians. The use of Portuguese in these particular books reflects a linguistic identity that begins to disappear in the eighteenth century but that remains at least in the twentieth century. The “Nação Portuguesa” from Hamburg and from Amsterdam used Portuguese side by side with Castilian to teach Hebrew in the *yeshivot* and that can be proved by the several grammars produced during seventeenth century to give assistance to the *talmidim* in the principal synagogues in both cities. The great majority of this period’s grammar and the inscriptions in the cemeteries were Portuguese-Hebrew written, what is symbolic because synagogues and cemeteries are special places to connect Jews to the Divinity.

KEYWORDS *Hebrew Grammars*; Moshe Gideon Abudiente; Portuguese Nation in Hamburg; Hebrew (teaching); seventeenth century.

As línguas da Nação Portuguesa de Hamburgo

O BILINGUISMO NA CULTURA ESCRITA PORTUGUESA (BUESCU, 2000, PP. 51-66) TEM uma longa tradição, surgindo em autores como Gil Vicente (c. 1465-d. 1536), Francisco Sá de Miranda (1481?-1558?), Bernardim Ribeiro (1482-1552), Pêro Andrade de Caminha (1520?-1589), André Falcão de Resende (1527-1599), Luís de Camões (1524/25-1579/80)

ou D. Francisco Manuel de Melo (1608-1666). Todos estes autores exprimem, nas suas obras, a intimidade existente entre as culturas e literaturas de Portugal e de Espanha alicerçada numa política de união matrimonial dos monarcas e na contratação de professores espanhóis nos estudos académicos.

Mas se o bilinguismo era entendido como natural por parte dos escritores modernos, com a União Ibérica ou Monarquia Dual houve uma tendência para o uso do castelhano por parte dos escritores lusos, sendo poucos os que lhe resistiram. Uma abundante literatura de cordel, romances, provérbios e canções castelhanas circulavam livremente, obrigando muitos autores portugueses a traduzirem as suas obras para castelhano garantindo, desse modo, uma maior difusão dos seus textos além-fronteiras. O uso do castelhano perdurou após a Restauração (1640) e manteve-se até o século XVIII sendo substituída nessa altura pelo francês como língua estrangeira privilegiada (VÁSQUEZ CUESTA, 1988, *passim*; SERRÃO, 2001, pp. 475-478).

Nos reinos ibéricos, principalmente durante os séculos XIII-XV, também se usava o português com alguma frequência. Era empreguada essencialmente na lírica, respondendo a um gosto requintado e palaciano pelo popular ou folclórico, sendo o uso do português designado como “primitivo e estranho” por parte de alguns estudiosos. O castelhano, por sua vez, deixou marcas fortes na Península, onde era entendido como a língua da administração, do governo, dos reis, rainhas e prelados; o seu uso era aplicado à lírica, à prosa, ao teatro e às traduções, sendo conseqüentemente usado em Portugal durante os séculos XV e XVII (VÁSQUEZ CUESTA, 1988, pp. 52-53).

Pelas Cortes de Tomar (1581) estabeleceram-se as regras essenciais da Monarquia Dual, entre elas o rei Filipe II de Espanha seria Filipe I em Portugal, sendo determinado que o português seria a

língua oficial em questões de governança e administração nos reinos de Portugal, Algarves e Além-Mar. A desobediência a esta deliberação motivou, em parte, os que pretendiam a separação do reino de Portugal, o que se verificou com a Restauração (1640). A partir daí a utilização de uma ou outra língua passou a ter um carácter político pois revelava um alinhamento pró ou contra a União Ibérica. Contudo, o discurso legitimador da dinastia de Bragança do Portugal Restaurado recorria ao português, ao castelhano e, no caso do escritor e embaixador António de Sousa de Macedo (1606-1682), ao latim, visando o uso de línguas estrangeiras dar uma maior ressonância à causa restauracionista (BUESCU, 2000, pp. 64-65).

A comunidade sefardita (FRADE, 2006, pp. 52-79) de Hamburgo, conhecida nessa cidade por “Nação Portuguesa” ou “Portugiesischen Nation”, revela pela sua própria designação uma identidade linguística. Mas, de fato, várias são as línguas usadas pelos seus membros em diversas ocasiões e produções literárias pois, para além do português usavam o castelhano, o latim, o hebraico, o alemão e até o neerlandês, como se passará a explicar.

O castelhano era usado, provavelmente no dia a dia, entre os descendentes e naturais de alguns reinos de Espanha. Mas era também a língua escolhida por grande parte dos autores da comunidade de Hamburgo na edição de obras que pretendiam alcançar um público mais numeroso, nomeadamente nas diversas comunidades de judeus sefarditas espalhadas pelo mundo. São em castelhano algumas traduções do hebraico e do latim, obras místicas, messiânicas e tratados teológicos dos seguintes líderes espirituais de Hamburgo: *Puerta del Cielo* escrito entre 1620 e 1635 e *Casa de Dios* (Amesterdão, 1655) de Abraham Coen de Herrera (Florença, c. 1570 – Amesterdão, 1635/39, rabi 1611-1622); *Tesouro de los Preceptos* (Veneza, 1627) de

Isaac Athias (rabi 1617, 1620-22) dedicado ao Talmud Thora de Hamburgo; *Tratado del Templo de Selomo* (Middleburgo, 1642), *Tratado de la Arca* (Amesterdão, 1653) ou *Tratado de los Querubim* (Amesterdão, 1654) de Jacob Leon Hebreu Templo (1603 – Amesterdão, 1675, rabi 1622-28?); *Tratado del Temor Divino* (Amesterdão, 1633) tradução de David Coen de Lara (c. 1602 – Hamburgo, 1674, rabi 1627-1665); ou a polémica obra de Moshe Gideon Abudiente (Lisboa/Amesterdão, 1610 – Hamburgo, 1688), *Fin de los Dias* (Glückstadt, 1666). Estas duas últimas obras foram dedicadas às *Yeshivot* de Hamburgo.

O latim era usado, essencialmente, como língua de divulgação científica junto das diversas comunidades do conhecimento tais como universidades ou grupos de especialistas em determinadas matérias, quer se tratasse do estudo da língua, de obras teológicas, de obras de medicina ou outras. O latim garantia que os estudiosos de qualquer área do conhecimento tivessem acesso às mais recentes descobertas, resultados das experiências e conhecimentos de cada um. Por conseguinte, a produção científica e outros escritos literários dos médicos da comunidade de Hamburgo são feitos em Latim. Tal é o caso da obra pioneira de ginecologia *Universa Mulierum Morborum* (Hamburgo, 1603); de *Medicus Politicus* (Hamburgo, 1614), o testamento médico defensor da deontologia médica; ou *Tractatus Peste* (1614) que trata da forma como se deve actuar perante uma epidemia, sendo as três de autoria de Rodrigo de Castro (1546-1627/9). Também são em latim a obra de defesa aos médicos portugueses *Flagelum Caluniatium sum Apologia* (Amesterdão, 1631 – a edição de Antuérpia de 1629 encontra-se desaparecida), e a obra sobre *Monomachia sive Certamen Medicum* (Hamburgo, 1647) com vários exemplos práticos e dedicação à rainha Cristina da Suécia de Bento de Cas-

tro (1597-1684); a obra alquímica *Mezahab Epistola* (1638) e o tratado médico *Sacro-Medicae Sententiae* (1640) de Benjamin Mussaphia (1606?-1675); *Regnum Astrorum Reformatum* (Hamburgo, 1644) e *Status Astrologicus* (Hamburgo, 1644) de Manuel Bocarro Francês (c. 1588-1662/8?), embora esta seja uma edição bilingue português-latim (SILVA, 2011, p. 83).

Por sua vez, o hebraico era utilizado pelos rabinos em obras de exegese bíblica, de teologia e de comentário aos grandes mestres, como *Hissuk Emuna* (Hamburgo, 1621), traduzido para castelhano por Isaac Atias e dedicado ao Kahal Kadosh *Talmud Torah* de Hamburgo; *Ir David* (Amesterdão, 1633), *Keter Kehunnah* (Hamburgo, 1668) e *Reshit Hockmah* (Amesterdão, 1633) de David Coen de Lara. O hebraico é a língua sagrada das Santas Escrituras ou da Santa Lei que regula a vida dos seus seguidores, fazendo parte integrante dos principais rituais e momentos de ligação entre correligionários e a divindade. Deste modo, as inscrições das sepulturas nos cemitérios da Nação (ver Grunwald, 1902; Studemund-Halévy, 2000; Studemund-Halévy, 1998, pp. 60-77; Studemund-Halévy, 1996, pp. 251-273), sejam em Altona, Glückstadt ou noutra local, são em hebraico e, na maioria dos casos, pelo menos nos séculos XVII e XVIII, em português. As lápides tumulares, como espaço ritual que são e como ligação ao sagrado, revelam que a Nação Portuguesa de Hamburgo manteve lado a lado o hebraico e o português, o que é notável pelo seu significado e simbolismo.

Por fim, o alemão passa a ser usado na produção de gramáticas na comunidade de Hamburgo no século XVIII, nomeadamente na edição da *Nova Grammatica Portugueza* de Abraham Meldola, saída à estampa na casa de M. Bod, em 1785. Ou seja, a comunidade parece já ter adotado a língua alemã como base do seu conhecimento, mas o por-

tuês continua a ser ensinado e aprendido mesmo por aqueles que, provavelmente, nunca teriam pisado terras lusas. Manifesta-se, deste modo, uma intenção clara, por parte da Nação Portuguesa de Hamburgo, em preservar a língua, muito provavelmente por questões identitárias.

Apesar do uso de diferentes línguas para diferentes fins, parece lícito afirmar que a língua do dia a dia tanto nos negócios como na sinagoga da comunidade de Hamburgo, durante o século XVII, era o português, na verdade existem vários testemunhos de que o português era a língua de comunicação entre os judeus portugueses, quer de Hamburgo, quer de Amsterdam. Jacob Polaco refere, em 1646, que tal se devia à educação dos judeus daquelas cidades ter sido feita na língua dos seus pais, o que se refletia na sua dificuldade em falar correctamente o flamengo (Inquisição Lisboa, proc. 11362: fls. 7 v.-8 v., 12 v.)¹. Por conseguinte, não é de estranhar que os judeus portugueses de Hamburgo confundissem o flamengo, ou neerlandês, com a língua falada naquela cidade (Inquisição Lisboa, proc. 11362: fls. 9 v.-10), o alemão, e que isso limitava a sua comunicação com pessoas exteriores ao seu grupo, tal como sugere Henrique Segre (?) um católico de Lubeque que se escusou a falar dos judeus de Hamburgo à Inquisição de Lisboa por não conseguir falar com eles em português (Inquisição Lisboa, livro 222: fl. 11-11v.).

Gabriel (Abraão) Mendes, na primeira metade do século XVII, descreve que muitos membros da Comunidade de Hamburgo falavam bem português, embora apenas dê os exemplos de Diogo Nunes Veiga, Moisés Zacuto e Isaac Milano (Inquisição Lisboa, proc. 11362: fl. 19). Por sua vez, Gaspar Bocarro vai mais longe nos seus relatos dizendo em 1641 que as pregações na esnoga (sinagoga) eram feitas em Português por Abraão da Fonseca que explicava nessa língua as passagens

hebraicas do Pentateuco. Dá testemunho de rezas lidas de livros impressos em castelhano e latim (Inquisição Lisboa, proc. 3020: fls. 36 v.-38), mas indica ainda que as orações de *Sucot* eram em Português, como na ocasião em que Abraão Saruco tomou a liderança dizendo: “Benditto tu Adonay que nos santificaste com tuas encomendações pera tocar ululab” (Inquisição Lisboa, proc. 3020: fls. 42).

Outra indicação de que o português era a língua corrente encontra-se nos livros da União da Nação. Destes apenas se conhecem dois, cobrindo o século XVII (1652-1682), isto graças a Alfonso Cassuto que, no seu exílio, por ocasião da Segunda Guerra Mundial, os levou para Portugal (Jüdische Gemeinde, 993)², conjuntamente com outras preciosidades actualmente nas bibliotecas e arquivos de Amesterdão e Hamburgo. Os dois livros da União da Nação, onde eram registadas as eleições dos membros do *Mahamad*, as sentenças e todas as informações e ocorrências, estão escritos na quase totalidade em português com datações e vários termos hebraicos em caligrafia latina. No primeiro livro de mais de novecentas páginas apenas os registos referentes ao ano de 5429 (1669) se encontram em castelhano.

Segundo Pedro Germano, o português manteve-se, pelo menos, até ao século XIX em Hamburgo nos Estatutos da Escola Israelita (1828) e nos livros de nascimentos até cerca de 1840. A língua portuguesa era, portanto, usada na administração interna da sinagoga, nas escolas e em família, sendo muito usada nas ocasiões solenes (GERMANO, 1968, pp. 14, 23-24). Michael Studemund-Halévy acrescenta ainda que o último registo do Livro da Nação datado de 11 de Julho de 1937 é a frase “Em Nome de Deos bendito” (STUDEMUND-HALÉVY, 1999, p. 1156). Tal demonstra como o seu uso se estendeu até a primeira metade do século XX.

Para além destes testemunhos, constituem prova os sermões pregados nas sinagogas hamburguesas todos os sábados, como são os casos de *Trinta Sermoens ou Darazes* (Hamburgo, 1629) de Samuel Jachia; de *Questoens e Discursos Academicos* (Hamburgo, 1688) de Abraão Coen Pimentel (?-1697) e *Sermoens Varios Compostos e recitados neste Kahal Kados Neve Shalom* (Altona, 1773), de Abraham Meldola (1754-1826). A sua publicação revela uma perseverança na manutenção da língua portuguesa nos sermões sabatinos durante o século XVII e que se estendeu até ao século XVIII. A sua publicação estaria ainda de acordo com o modelo de pregar apontado por Leone de Modena (1571-1648), mais precisamente no uso do hebraico nas citações da Escritura e dos rabinos e o uso da língua vulgar (MODENA, 1637, pp. 35-37) dos países

de origem ou de acolhimento na redacção dos sermões. Deste modo, a doutrinação e o ensino das bases do judaísmo transmitidas todas as semanas à comunidade através dos sermões deveriam ser numa língua do domínio da esmagadora maioria dos seus membros (se não mesmo a sua língua-mãe) pois essa seria a base da compreensão das mensagens e interpretações da Sagrada Escritura, dos escritos rabínicos e da tradição oral.

Ao carácter pedagógico dos sermões deve juntar-se o carácter instrutório do português no ensino da língua sagrada – ou a língua de ouro na nomenclatura de Baruch Namias de Castro –, nomeadamente para o estudo do *Talmud*. As gramáticas usadas pelos *talmidim* das *Yeshivot* de Hamburgo e de Amesterdamo são em português, a avaliar pelas edições disponíveis naquele tempo.

Gramáticas em Amesterdam e Hamburgo (século XVII início do XVIII)

AMESTERDÃO	HAMBURGO
Yisshaq ben Avraham Uzziel, <i>Ma'aneh Lashon</i> , Amesterdão, Menasseh ben Israel, 1627. (em Hebraico com correspondências em castelhano). Reeditado em 1710.	Moshe Gideon Abudiente, <i>Gramática Hebraica</i> , Hamburgo, s.n., 5393 (1633)
Menasseh ben Israel, <i>Libro yntitulado safra berura, hoc est lábia clara, da grammatica hebrea, composto por o senhor hacham Menasseh ben Israel o talmid selomo de oliveira</i> , Amesterdão, 5407 (1647) – Cópia do seu aluno Salomão de Oliveira.	
Mosseh Rephael Aguilar, <i>Epitome da Gramatica Hebrayca. Por breve methodo composta para uso das escolas; do modo que a ensina</i> , Leiden, Jan Zacharias Baron, 1659/60; e <i>Epitome da Gramatica Hebrayca. Por breve methodo composta para uso das escolas; do modo que a ensina. Segunda Edição. Novamente corrigida, e acrescentada de hün tratado sobre a poesia Hebraica</i> , Amesterdão, Joseph Athias, 1661.	
Baruch Espinoza, <i>Compendio de Gramática Hebraica</i> , publicada postumamente com o título <i>Compendium Grammatices Linguae Hebraicae in Opera Posthuma</i> , Amesterdão, Jan Rieuwertsz, 1677.	
Selomoh de Oliveira, <i>Livro da Gramatica Hebrayca & Caldayca</i> , Amesterdão, David Tartas, 1689.	
Selomoh Jehuda Leão Templo, <i>Principio de Sciencia ou Gramathica Hebrayca</i> , Amesterdão, Imanuel Athias, 1713.	

Tal como se pode verificar pela produção e publicação de gramáticas hebraicas (KLIJNSMIT, 1994, pp. 369-373; AMZALAK, 1929, pp. 16-22) durante o século XVII e início do XVIII pelos membros das comunidades judaicas de Hamburgo e de Amesterdão, as gramáticas são na sua maioria edições bilingues português-hebraico. Ou seja, em oito gramáticas seis são português-hebraico, embora também exista a edição de Uziel em hebraico com correspondências em castelhano e a gramática de Espinosa escrita em português, mas publicada postumamente em latim-hebraico.

Por outro lado, as gramáticas produzidas por autores exteriores a ambas as comunidades são geralmente em latim-hebraico, sendo uma das mais conhecidas a de Johanes Buxtorf, *Thesaurus Grammaticus Linguae Sanctae Hebrae* publicada em Basileia em 1609, a qual teve uma larga difusão entre os escolares.

A Nação Portuguesa, na tentativa de se integrar ao judaísmo rabínico, enfrentava o problema de ter poucas luzes da língua santa, e quem queria aprender e estudar hebraico não dispunha de instrumentos de aprendizagem capazes e acessíveis. Nem todos frequentaram os Estudos (o ginásio ou a universidade) e o latim oferecia aos aprendizes as dificuldades de uma língua erudita. As academias das sinagogas, no entanto, precisavam ensinar o hebraico e muito provavelmente usavam as gramáticas dos escolares cristãos em latim. Também utilizavam a gramática usada em Amesterdão da autoria do rabi Isaac Uziel, publicada na oficina de Menasseh ben Israel em 1627, e organizada segundo o método judaico-arábico, contendo uma lista de termos gramaticais e os seus equivalentes em castelhano, mas em escrita hebraica (KLIJNSMIT, 1994, p. 324).

Por outro lado, a gramática de Menasseh ben Israel *Libro Yntitulado Sapha Berura*, utiliza basi-

camente o português e o hebraico, com remissões ao latim tendo compreensivelmente uma grande circulação de forma manuscrita (KLIJNSMIT, 1994, pp. 81-82), pelo menos em Amesterdam e sendo posteriormente publicada por seu discípulo Salomão de Oliveira, provavelmente depois de se verificar o sucesso da *Gramática Hebraica* de Moshe Gideon Abudiente em Hamburgo.

É neste contexto que surge a obra *Gramatica Hebraica*, de Abudiente (1633). Tudo leva a crer que, partindo da língua que dominavam, esta obra terá conseguido dar resposta cabal às necessidades das pessoas interessadas em aprender hebraico, e isso tanto nas academias como fora delas. O uso da língua vulgar para explicar a hebraica, através do estabelecimento de paralelos e associações, garantia, à partida, menores dúvidas e um conhecimento e compreensão mais aprofundados.

Quando foi publicada em Hamburgo, a *Gramática Hebraica* marcou a diferença pois, aparentemente, trata-se da primeira gramática impressa em português-hebraico. Para além disso, assume claramente uma intenção didática conforme se pode ver na nota ao leitor onde Abudiente refere expressamente que se destina “aos nossos portugueses, como para os *Talmidim* que comeseão a gozar de alguma Luz da Lingua santa” (ABUDIENTE, 1633, ao leitor). Este propósito pedagógico e o serviço aos estudantes das academias são partilhados pelos autores que se lhe seguiram.

O professor do seminário na *Ets Haim* em Amesterdão, Moseh Aguilar, escreveu a *Epitome da Gramatica Hebrayca. Por breve methodo composta para uso das escolas* (saída a público inicialmente na cidade universitária de Leiden em 1660 e no ano seguinte em Amesterdam) destinando-se, ambas as edições, ao ensino de hebraico nas escolas, tal como o seu título completo sugere. Mas as semelhanças com a obra de Abudiente não ficam por aqui,

já que a segunda edição da *Epitome* saiu enriquecida com um tratado de poesia hebraica, algo que se insere na linha da gramática de Abudiente (KLIJNSMIT, 1990, p. 85; KLIJNSMIT, 1994, p. 369).

As preocupações didáticas também são partilhadas por Salomão de Oliveira, no seu *Livro da Gramática Hebrayca & Chaldaica*, onde reafirma, na dedicatória aos regedores das academias de Talmude Tora, a necessidade e utilidade para os que aprendem a língua sagrada das universidades escolásticas e no Medrás, onde ele próprio assiste (OLIVEIRA, 1689, p. 338-335, numeração a lápis):

Intentando que sahis a luz esta obra, por ver quanto era necessaria, para utilidade dos que aprendem a Lingua Sagrada, sendo reguada esta planta com abrigo de Vossas Mercês ficará fertilizada para ser sempre glorioza, pois he Arvore que deita Ramos de inteligencia, para proveito das Universidades Scholasticas, que vossas mercês atendem a seu aumento com summa vigilância, como eu reconheço no Medrás de minha assistência, em que se professa tambem este estudo (OLIVEIRA, 1689, p. 337, numeração a lápis).

Tal desígnio mantém-se até ao século XVIII, pois também a gramática de Selomoh Jehuda Leão Templo intitulada *Principio de Sciencia ou Gramathica Hebrayca* indica logo na folha de rosto ser “Para Uso das Escolas como a ensina no Medrás em que assiste, no *kahal kados de Talmud Torah*”, objectivo escolar reforçado na dedicatória aos seus discípulos onde considera ser “muy importante para a perfeição do estudo de nosso Medras” (TEMPLO, 1703, folha de rosto).

Portanto, e pelos diversos exemplos apontados, pode-se concluir que a língua institucional e de instrução da lei hebraica nas academias e escolas em Hamburgo era o português. Muito provavelmente

o número de portugueses nas comunidades de Amesterdão e Hamburgo era superior ao número de habitantes de outros reinos ibéricos que também dominavam o português, quanto mais não fosse porque as famílias não tinham fronteiras políticas.

Deparamo-nos, no entanto, o que motiva alguma perplexidade, com afirmações que deixam dúvidas sobre esta questão principalmente se se tiver em conta Salomão de Oliveira no prólogo (1689, p. 334-327 numeração a lápis) ao seu livro, onde descreve o conteúdo e as temáticas abordadas na segunda parte da gramática, chamada *Hes Hayam*, ou seja, *Árvore de Vidas*. No prólogo refere que os ramos da língua hebraica são explicados na “Lingua Espanhola como costumamos ladinar nas escolas” e, mais à frente, indica que as palavras e frases da Misna e da Guemara, assim como as das Artes e Ciências Contemplativas, são explicadas em “português, que é a nossa Lingua”.

É difícil de interpretar esta passagem uma vez que o termo España/Espanha (herdeiro do conceito clássico de Hispânia) na Idade Média e na Época Moderna designa toda a Península Ibérica, Portugal inclusive (ZURARA, 1915, p. 56; sobre diversidade de línguas na Espanha, ver Entwistle, 1936). Por isso, língua espanhola pode referir-se a qualquer uma das línguas faladas na Ibéria. Provavelmente a “Lingua Espanhola” do ladinar aqui mencionada é o castelhano, mas não é uma certeza, pois neste contexto pode ser um artifício literário para evitar a repetição dos mesmos termos num mesmo parágrafo o que significa que em Espanha existem várias línguas espanholas e uma delas seria o português.

A acrescentar a esta dificuldade de interpretação deve juntar-se o fato de Salomão de Oliveira escrever na língua comum, ou seja em português, quando aplica o verbo ladinar. Ora, este verbo não existe em nenhum dicionário de português con-

sultado, o que também nada significa, pois Portugal não parece estar muito bem servido de estudos linguísticos da sua própria língua. Existe, no entanto, a entrada para o adjetivo ladino, que possui dois significados: indivíduo inteligente, esperto, com vivacidade de espírito; ou um indivíduo espartalhão cheio de manhas e astúcias. E para o substantivo que designa uma língua da Suíça e do norte de Itália, assim como um prolongamento do espanhol do século XV falado pelas comunidades judaicas da Europa e Norte de África (HOUAISS, 2003, p. 2216).

A expressão “Língua Espanhola como costumamos ladinar nas escolas” torna-se, portanto, de extrema importância para se tentar perceber que língua seria a do ladinar e que significaria tal verbo. Uma das hipóteses é a de designar a tradução de textos do hebraico para a língua comum. Como Oliveira diz expressamente que a língua vulgar é o português, seria de esperar que a língua do ladinar fosse o português e não o castelhano (ou espanhol). Deste modo, o texto hebraico, para melhor compreensão, era traduzido pelos estudantes de Hamburgo e Amesterdão, na língua em que se sentiriam mais à vontade, isto é, o português.

Como por vezes a tradução do hebraico e a própria escrita era difícil a quem aprendeu com outro alfabeto e escrita diferente, nesse caso é compreensível que o verbo ladinar pudesse também definir a ideia de transliterar os caracteres hebraicos para o alfabeto latino. Neste caso, ladinar seria a corruptela, ou uma variação, de latinar, ou seja, passar a caracteres latinos. Portanto, os textos hebraicos são escritos fazendo a correspondência entre as letras de ambos os alfabetos de acordo com as listagens existentes nas próprias gramáticas.

Outra hipótese, também viável, consiste em manter os caracteres hebraicos mas utilizando as línguas latinas, ou seja o castelhano ou o portu-

guês. Subsistem hoje em diversas bibliotecas europeias, e não só, vários textos escritos nestas condições a que vários estudiosos chamam de textos aljamiados hebraicos (ver STROLOVITCH, 2005; WEXLER, 2006, DÖHLA, 2008).

O verbo ladinar poderia também referir-se à língua falada nas escolas e que seria, portanto, a língua de ensino e aprendizagem. Neste sentido, o verbo ladinar seria similar ao verbo castelhano *enladinar* (SMID, 2002, pp. 113-124) e ao verbo e conceito de *meldar*, ou seja, de leitura, comentário e interpretação das Escrituras. Isto pode remeter para o ladino e conseqüentemente para o judezmo mais conhecido por judeo-espanhol, embora esta língua também tenha recebido contribuições do português, grego e outras.

Portanto, pode-se concluir que, pelo menos no século XVII, a língua dos membros da comunidade de Hamburgo é o português pois a esmagadora maioria das gramáticas hebraicas publicadas em Amesterdam e Hamburgo com a finalidade de ensino são neste idioma. Quando as gramáticas, ou instrumentos de explicação do hebraico, são em português, isso poderá indicar que se não era a linguagem falada no ensino pelo menos estava a par do castelhano nessa tarefa. Além disso, os autores das gramáticas portuguesas também eram os professores das academias, não parecendo por isso provável que, escrevendo um livro, recomendassem o uso de outro.

Gramática Hebraica

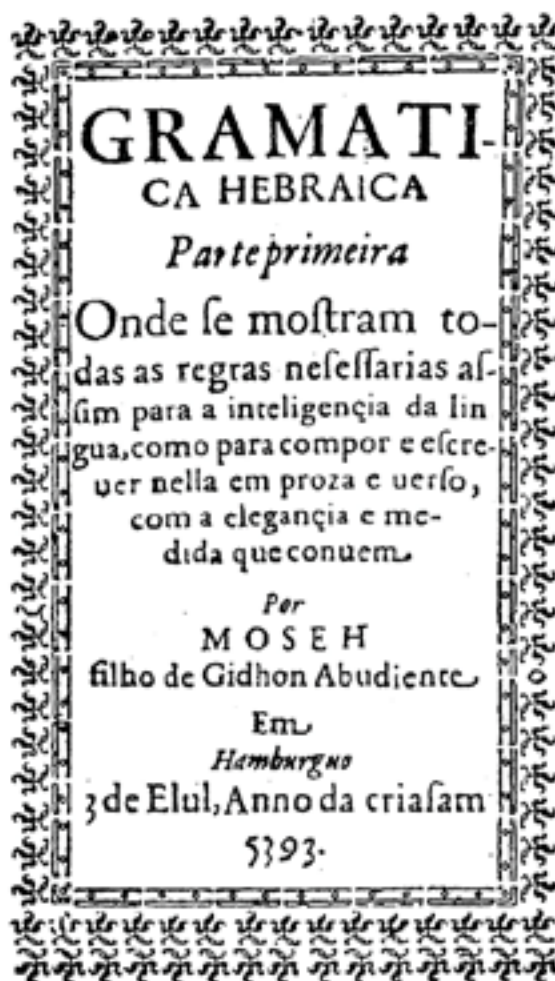
A *Gramática Hebraica* de Moshe Gideon Abudiente³ é muito provavelmente a primeira gramática publicada em Hamburgo, e também em Amesterdão, que possui características singulares que a distinguem das publicadas até então: explica a “língua de ouro” na nomenclatura de Baruch

Namias de Castro, ou seja, a língua hebraica, através do português.

Em relação à gramática de Isaac Uziel (Amsterdão, 1627), Abudiente mantém em algumas partes o seu método judaico-árabe, mas revela inovação e ecletismo ao utilizar essencialmente a tradição gramatical ocidental à semelhança do modelo latino e grego. Para além disso, usa uma terminologia correspondente aos termos gramaticais portugueses, iniciando desta forma uma escola ou tradição seguida por todos os autores que se lhe seguiram (KLIJNSMIT, 1994, p. 319, 324), expressa através do paralelismo português hebraico. Deve-se ainda acrescentar que a partir da publicação da obra de Abudiente as gramáticas passaram a dedicar um espaço mais ou menos alargado a uma nova área de interesse e estudo: as características poéticas do hebraico. Tanto Moshe Rafael de Aguilár como Salomão de Oliveira incluíram nas suas gramáticas uma parte dedicada à forma e arte de fazer poesia na língua santa (KLIJNSMIT, 1994, p. 357).

Esta característica não é nova, pois existem vários exemplos de gramáticos que se dedicaram à poesia e vice-versa, como o lisboeta Moses ben Shem Tov ibn Habib que, influenciado por Efodi, escreveu *Perah Shoshan*, uma gramática citada no seu trabalho posterior chamado *Darké Noam* (escrito entre junho e dezembro de 1484), onde, além da gramática *Marpe Lashon*, inclui poesia e versos hebraicos (AMZALAK, 1928, pp. 10-11).

A gramática de Abudiente é dedicada “A el Rey de Reys dos Reys o Santo Bendito elle”, ou seja, ao Senhor Supremo referindo ser uma oferta de primícias de “poucas espigas, que como pobre colly, entre os mólhos, detrás dos çegadores, em o deleitozo jardim da Santa Linguagem” (ABUDIEN-TE, 1633, dedicatória). Por analogia, Abudiente compara-se a Rute, moabita convertida ao Judaísmo por casamento e que pelo seu livre-arbítrio de-



Folha de rosto da *Gramática Hebraica* de Moshe Gideon Abudiente

cide manter a religião, tornando-se um símbolo dos conversos. Tal como Rute recolheu as espigas do campo deixadas pelos segadores, Abudiente resgata alguns conhecimentos no vasto campo da língua sagrada. Esta, por sua vez, era a linguagem do Éden que une a humanidade e a divindade.

Abudiente apresenta ainda uma nota ao leitor, indicando serem os portugueses e, principalmente, os *talmidim* o público a que se destina o seu trabalho, revelando ter sido incentivado a publicar esta obra para explicar o necessário da conversação e entendimento do hebraico. Os três primeiros tratados da sua obra descrevem a arte da gramática e

o quarto debruça-se sobre as orações perfeitas em prosa para depois passar à poética com o método dos versos.

Abudiente contou com vários encomiásticos dos seus amigos em português. Na verdade, somente Jacob Rosales também conhecido por Manuel Bocarro Francês se exprimiu e dedicou uma ode em latim onde refere ser o hebraico a língua celeste, comum ao Homem e Deus. Outro reconhecido médico, Baruch Namias de Castro, equipara o hebraico ao ouro entre os metais, ao fogo entre os elementos e ao sol entre os planetas. O hebraico surge aqui como uma língua que permite ao Homem especular e investigar os profundos mistérios. E vai mais longe ao afirmar que através dela se espelha o coração de quem falam delineando-se com ela os mais altos conceitos da alma. Baruch Namias de Castro refere ainda a novidade da gramática ser em português e, para além de cotejar os Génesis, remete para Platão no que se refere ao homem sociável e de proveito para a República, assim como para Séneca na previsão e esperança do prêmio que consola o trabalho.

Entre as dedicatórias conta-se a do tio do autor Daniel Abudiente, que salienta a juventude do mesmo, pois na altura contava apenas com 23 anos, bem como as grandes expectativas que nele depositava, argumentando ser o sobrinho o assombro de alguns e o guia de outros. Por outro lado, José Francês remete para a doutrina cabalística que circula quase clandestina dificultada por *Galut*, ou seja, a diáspora. Mas se esta podia determinar a sepultura dos ensinamentos místicos, a aprendizagem do hebraico permitiria o ressuscitar de outro Moisés, que mostraria de novo a Lei e a colocaria ao dispor do Povo de Israel, talvez numa alusão ao nome próprio de Abudiente.

Isaac Abas, por seu lado, reforça a ideia do português, ou língua lusitana, garantir a facilidade da

memória da língua santa. Por isso considera Abudiente como um Apolo hebreu, o que não deixa de ser significativo pois se trata do deus greco-romano da música, cura, luz, profecia e iluminação.

Depois destes poemas encomiásticos inicia-se então a Gramática que, como referido, se encontra dividida em quatro tratados. Ao todo possui 197 páginas numeradas embora apresente diversos erros tipográficos de numeração ao longo da obra.

No Tratado I (ABUDIENTE, 1633, pp. 1-65) expõem-se as regras das letras e pontos e mostra-se o verbo e as suas divisões. Nos sete capítulos que o compõem tratam-se das letras, suas pronúncias e empregos, dos pontos ou vocalizações assim como dos acentos, verbos e seus tempos. O Tratado II, com oito capítulos (ABUDIENTE, 1633, pp. 66-112), dedica-se aos verbos, às suas sete conjugações e regras. E os seis capítulos (ABUDIENTE, 1633, pp. 113-155) do Tratado III debruçam-se sobre as regras dos nomes, géneros e acentos, assim como dos advérbios e seus sentidos.

No Tratado IV também com seis divisões (ABUDIENTE, 1633, pp. 156-187), o autor dedica-se a dar conselhos de como se deve escrever com estilo em prosa e em verso na língua hebraica. Neste último tratado, Moshe Abudiente aproveita para ilustrar os principais gêneros poéticos com poesias de sua autoria. Por conseguinte, há exemplos de sonetos, de oitavas e poemas épicos acrescentando ainda algumas formas originais, como versos a partir de nomes e poemas-labirinto. Zvi Maleakhi (1994, p. 311) chega a levantar a hipótese de se tratar da primeira obra em português sobre a arte da poesia hebraica.

De fato, e tal como se viu no poema encomiástico de Baruch Namias de Castro, trata-se duma obra esperada por parte de mestres e alunos carentes de uma gramática em português. Abudiente providenciou e serviu os seus ao mandar imprimir

esta gramática que pretendia oferecer aos membros da comunidade de Hamburgo, e consequentemente de Glückstadt, uma forma cómoda de aprender a língua hebraica e o indispensável para as práticas religiosas. Mas, simultaneamente, incentivava o estudo e o uso do hebraico como língua literária e poética. Ou seja, sua intenção foi muito para além da aquisição das bases do hebraico, pois convidava os seus leitores a adquirirem um conhecimento mais aprofundado e ativo da língua sagrada, tal como o pediam Menasseh ben Israel, Moseh Rephael d’Aguilar, Salomão de Oliveira e Baruch Espinosa (KLIJNSMIT, 1994, p. 323), seus contemporâneos.

As citações de Abudiente

As citações e exemplos retirados da Sagrada Escritura são aspergidos ou disseminados por toda a Gramática de Abudiente, principalmente no primeiro tratado. O livro dos Salmos e a Tora encontram-se entre os mais citados embora outros livros dos *Neviim* e *Ketuvim* sejam também objeto de constante referência, confirmando a utilidade desta obra principalmente para os *talmidim*.

Entre os autores e estudiosos judaicos citados, Abudiente aponta dois rabinos e comentadores bíblicos que, por serem sobejamente conhecidos e afamados, são apenas identificados pelas suas iniciais R. S. Y. e R. D. K. (ABUDIENTE, 1633, pp. 131-132)⁴. Trata-se de Shelomo Yitzhaki, um dos *hahamim* em Gemara, também conhecido por Rashi (1040-1105), considerado o pai dos comentadores ao *Talmud* ou Tanach; e de Rab David Kimhi, também conhecido por Radak ou Redak (Narbona, 1160-1235), outro glosador bíblico, filósofo e gramático que escreveu *Sefer Ha-Michol* e um dicionário intitulado *Sefer Ha-Shorashim*, além de outras obras polémicas contra o Cristianismo.

Uma das gramáticas referidas por Abudiente (1633, pp. 86, 105) é o *Sepher Habahur* (Roma, 1518) do rabino, tradutor, poeta e gramático Elijah ben Asher ha-Levi também conhecido por Elias Bahur ou Tishbi (1468-1549). Este era amigo e protegido do conhecido escolar, cabalista cristão e futuro bispo Egídio de Viterbo (1469-1532) a quem dedicou esta obra e a quem ensinou hebraico.

No tratado sobre a poesia, a propósito da inovação de palavras e verbos nas composições elegantes e simultaneamente difíceis, Abudiente cita o rabino Samuel filho de Jeuda aben Tabon no seu preambulo ao livro *Moreh Nebuchim* (*Guia dos Perplexos*). A capacidade de Samuel é realçada por traduzir o guia de Maimonides (ABUDIENTE, 1633: 162)⁵ de forma exemplar, oferecendo aos leitores um texto em hebraico simultaneamente breve, compendioso e elegante revelado através de palavras estudadas e polidas. Abudiente tem em tal conta a tradução de *Guia dos Perplexos* e o acima referido prefácio de Jeuda aben Tabon que chega a considerar a qualidade do texto em segundo lugar, logo a seguir à excelente linguagem da Bíblia, pois no seu parecer imita a sua qualidade e excelência (ABUDIENTE, 1633, pp. 162-133[163]).

A propósito das influências gentílicas na poesia Abudiente cita, curiosamente, o *Sefer Ha-Hasidim* ou Livro dos Pios (ABUDIENTE, 1633, p. 133 [163]) de autoria do iniciador do movimento místico hassídico na Alemanha, Judah ben Samuel de Regensburg (1140-1217). Esta referência é interessante tendo em conta que partilham, pelo menos em forma, as correntes místicas e messiânicas. Em 1666, Abudiente publica a obra *Fin de Los Dias*, que se insere numa destas correntes ligadas à cabala luriânica, o sabataísmo.

O lisboeta e teórico da poesia Moses ben Habib ou ibn Habib (1450-1520) é citado pela sua gramática (ABUDIENTE, 1633, p. 134 [164]), pa-

ra dar exemplos de versos antigos em epítáfios, o que quer dizer que Abudiente deveria ter lido a obra *Marpe Lashon* que incluía parte da gramática *Perah Shoshan* e a obra poética *Darchei Noam*. Abudiente, tal como recorrentemente outros autores, refere uma descrição célebre de Moses ben Habib de uma inscrição rimada na pedra tumular do rei de Judá, Amazias. Aparentemente, ben Habib tentou explicar nas suas obras que a métrica e a rima eram aceites desde tempos bíblicos na poesia hebraica e estas obras de referência tornaram-no simultaneamente num teórico da poesia. A obra poética de Aristóteles (384-344 a. C.) e a de al-Farabi (870-950) são ambas citadas por ben Habib (ver Zinberg, 1974, pp 38-39; Amzalak 1928, pp. 10-11; Schippers, 2001, pp. 172-183) algo que Abudiente segue em relação ao primeiro.

Abudiente também nomeia as obras de Isaac Abrabanel, o discípulo do rabino de Lisboa Joseph Hayyim, nomeadamente os seus comentários aos profetas (ABUDIENSTE, 1633, p. 134 [164]) para mostrar que a poesia hebraica é aprendida do mourisco ou arábico. E vai mais longe, pois dedica um capítulo inteiro aos versos hebraicos que imitam os versos espanhóis e portugueses (ABUDIENSTE, 1633, pp. 167-173 [17-183]), demonstrando desta forma que o versejar hebraico é eclético e reúne várias influências.

O poeta, filósofo, astrólogo, exegeta e linguista Abraham ben Ezra ou ibn Ezra (1092-1167) é referido (ABUDIENSTE, 1633] pp. 136 e 137 [166 e 167]) como exemplo de quem reprova a poesia sem retórica, com incoerências assim como as palavras extravagantes e dificultosas nos comentários. Para Ezra, tal como para Abudiente, o escritor e poeta deve ser breve, compendioso e resumido, transmitindo a sua mensagem em poucas palavras para captar a atenção do leitor.

Ao citar o conhecido teólogo e rabino Hai Gaon

ou Hai ben Sherira (939-1038), Abudiente (1633, p. 184 (194)) remete diretamente para uma bênção dita por alturas dos jejuns e muitas vezes corrigida e alterada em diversas obras impressas de Tephilot. Ou seja, trata-se de um autor que é uma autoridade cuja obra inclui mais de oitocentas *responsa* sobre questões que afetavam os judeus da diáspora, tratados legais e comentários à *Mishnah*, que conhecia bem os clássicos como Platão, Aristóteles ou Al-farabi assim como o gramático Al-Halil, a Septuaginta e o calendário grego, e estava bem familiarizado com o Corão. A sua filosofia lembrava que os escolares nos tempos antigos não hesitavam em receber lições de pessoas com outras crenças. Contudo, pelo menos em dois versos de bênção nos jejuns e de *Shabat*, foi alterado e corrigido, perdendo-se o sentido e intenção do autor.

Conclusão

Em conclusão, pode-se afirmar que Moshe Gideon Abudiente foi inovador ao imprimir a primeira gramática seguindo um modelo eclético que reúne os modelos árabe-judaico e segue simultaneamente as regras ou estruturas das gramáticas gregas e latinas. Foi também inovador ao escolher não a língua latina, mas a língua que todos conheciam, também utilizada no ensino nas escolas ou academias das sinagogas: o português.

Adicionalmente, Abudiente deu continuidade a uma linha ibérica seguindo a tradição de Moses ben Shem Tov ibn Habib no que a produção de gramáticas diz a respeito, incluindo poesia em hebraico. Esta passou a ser uma das partes importantes das gramáticas pelo menos para os autores das comunidades de Amesterdão e Hamburgo.

Há boas razões para crer que o português seja a língua do ensino oral nas academias ou *yeshivot* nas quais se faziam as traduções, os comentários e

as explicações da Escritura. Ou seja, o português pode ser a língua do ladinar.

No que se refere às gramáticas hebraicas produzidas pelas comunidades de Amesterdão e Hamburgo, pode-se afirmar de forma mais substanciada que a língua escrita para explicar o hebraico durante o século XVII e inícios do século XVIII é o português, isto tendo em conta que seis das oito gramáticas são bilingues português-hebraico.

Deste modo, é de salientar que Nação Portuguesa de Hamburgo ou a “Portugiesischen Nation”, além de manter uma religiosidade própria, preservou a língua da terra de origem até bastante tarde, que se veio desvanecendo a partir do século XVIII e, para a manutenção dessas identidades, a *Gramática Hebraica* terá dado o seu contributo ao servir de base ao ensino da língua hebraica, tendo o português como língua de partida e a integração no Judaísmo Rabínico como fim.

NOTAS

1 Agradeço a Jorun Poetering a indicação deste processo.

2 Ao incêndio em 1842 juntou-se a destruição pela política nacional-socialista da maior parte do espólio da Comunidade de Hamburgo.

3 Agradecemos a Roberto Bachmann a possibilidade de usar o exemplar desta obra que pertence à sua biblioteca pessoal.

4 Para a identificação das siglas muito contribuíram Dov Cohen e Peter Lehnardt, a quem quero agradecer.

5 Sobre Maimonides e seus seguidores, ver Arkush, 2003, pp. 149-166 e Benish, 1847, pp. 35-36).

FONTES MANUSCRITAS

Arquivo Nacional Torre do Tombo

Inquisição de Lisboa, Livro 222, fls. 11-11 v. (manuscrito)

Inquisição de Lisboa, Processo 11362. (manuscrito)

Inquisição de Lisboa, Processo 3020. (manuscrito)

Staatarchiv Hamburg

Judische Gemeinde, 993, Protokollbücher, Band I (1652-1672) und Band II (1672-1682). Microfilmes HM 8724 e 8735. (manuscrito)

REFERÊNCIAS

ABUDIENTE, Moshe Gideon. *Gramatica Hebraica*. Hamburgo: s.n., 1633. (Numeração errada corrigida entre parênteses)

AMZALAK, Moses Bensabat. *Portuguese Hebrew Grammars and Grammarians*. Lisboa: s.n., 1928.

ARKUSH, Allan. ‘Solomon Maimon and his Jewish Philosophical Predecessors: The evidence of his Autobiography’, in *Renewing the Past, Reconfiguring Jewish Culture: From Al-Andalus to the Haskalah*, ed. Ross Brann, Adam Sutcliffe. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2003, pp. 149-166.

BENISH, A., *Two Lectures on the Life and writings of Maimonides*. London: Meldola Cahn, 1847, 56 pág. (especialmente pp. 35-36).

BUESCU, Ana Isabel. ‘«Y la Hespáñola es fácil para todos»: O bilinguismo, fenómeno estrutural (séculos XVI-XVIII)’, *Memória e Poder. Ensaios de História Cultural*. Lisboa: Ed. Cosmos, 2000, pp. 51-66.

DÖHLA, Hans-Jörgen; MONTERO MUÑOZ, Raquel; AGUILAR GONZÁLEZ, Francisco Báez de (eds.). *Léguas en Diálogo. El Iberorromance y su Diversidad Lingüística y Literaria. Ensayos en Homenaje a Georg Bossong*. Madrid: Iberoamericana, 2008.

ENTWISTLE, William. *The Spanish language, together with Portuguese, Catalan and Basque*. London: Faber&Faber, 1936.

FRADE, Florbela Veiga. *As Relações Económicas e Sociais das Comunidades Sefarditas Portuguesas. O Trato e a Família 1532-1632*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa: s.n.,

2006. Em: http://www.academia.edu/1494263/As_relacoes_economicas_e_sociais_das_comunidades_sefarditas_portuguesas._O_Trato_e_a_Familia.1532-1632.
- GERMANO, Pedro da Silva. *A Língua Portuguesa usada pelos Judeus Sefarditas no exílio*. Dissertação de Licenciatura em Filologia Românica. Lisboa: s.n., 1968.
- GRUNWALD, M. *Portugiesengräber auf Deutscher Erde*. Hamburg: Alfred Janssen, 1902.
- HOUAISS, Antônio; Villar, Mauro de Salles (dir.). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, vol. 2, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003, p. 2216.
- KLIJNSMIT, Anthony. ‘Some seventeenth-century grammatical descriptions of Hebrew’, in *Histoire Épistémologie Langage*, t. 12, fasc. 1, 1990. pp. 77-101.
- KLIJNSMIT, Anthony. ‘«Se qual o ouro entre todos os metais» Abudient’s Hebrew Grammar (1633)’, in *Die Sefarden in Hamburg*, ed. Michael Studemund-Halévy e Peter Koj, 1994, vol. 1, pp. 319-373.
- MALEAKHI, Zvi. ‘Moshe Gideon Abudiente et son oeuvre littéraire’, in *Die Sefarden in Hamburg*, vol. 1 (Hamburg: Buske), 1994, pp. 307-318.
- MODENA, Leone de, 1637. *Historia de gli Riti Hebraici*. Paris: s.n., 1637.
- OLIVEIRA, Selomo de. *Livro da Gramática Hebrayca & Chaldayca*. Amesterdão: David Tartas, 1689.
- SCHIPPERS, Arie. ‘Moses ibn Habib: Poet and Migrant’, *Studia Rosenthaliana, Journal of the History, Culture and Heritage of the Jews in the Netherlands*, 35, n. 2, 2001, pp. 172-183.
- SERRÃO, Joel e OLIVEIRA MARQUES (dir.). *Nova História de Portugal*, vol. 7 Portugal da Paz da Restauração ao ouro do Brasil. Lisboa: Presença, 2001, pp. 475-478.
- SILVA, Sandra Neves; FRADE, Florbela Veiga. ‘Medicina e Política em dois Físicos Judeus Portugueses de Hamburgo’, *Sefarad*, 71, 2011, pp. 51-94.
- SMID, Katja. ‘Los Problemas del estudio de la lengua sefardi’, *Verba Hispanica*, 10, 2002, pp. 113-124.
- STROLOVITCH, Devon L. 2005. *Old Portuguese in Hebrew Script: Convention, Contact and Convivencia*. Dissertação de doutoramento, Faculty of Graduate School of Cornell University. Nova Iorque: s.n., 2005.
- STUEMUND-HALÉVY, Michael. ‘O Livro dos Minhagim de Hamburgo: uma estranha odisseia’, *Dulce et decorum est philologam colere. Feestschrift für Dietrich Briesemeister zu seinem 65. Geburtstag*. Berlin: Domus Editoria Europaea, 1999, pp. 1143-1167.
- STUEMUND-HALÉVY, Michael. ‘Os epitáfios luso-espanhóis no norte da Alemanha: Glückstadt e Emden’, *Lusorama*, 36 (Frankfurt am Main: Institut für Romanische Sprachen und Literaturen, 1998, pp. 60-77.
- STUEMUND-HALÉVY, Michael. ‘Pedra e Livro’, *I Colóquio Internacional O Património Judaico Português, The Portuguese Jewish Heritage*, coord. Maria Helena C. dos Santos, Maria Graça Bachmann e Roberto Bachmann. Lisboa: Associação Portuguesa de Estudos Judaicos, 1996, pp. 251-273.
- STUEMUND-HALÉVY, Michael. *Biographisches Lexicon der Hamburger Sefarden. Die Grabinschriften des Portugiesenfriedhofs an der Königstraße in Hamburg-Altona*. Hamburg: Hans Christians Verlag, 2000.
- TEMPLO, Selomoh Jehuda Leão. *Principio de Sciencia ou Gramathica Hebrayca*. Amesterdão: Oficina Ymanuel Athias, 5463 [1703].
- VÁSQUEZ CUESTA, Pilar. *A Língua e a Cultura Portuguesas no tempo dos Filipos*. Mem Martins: Europa-América, 1988.
- WEXLER, Paul. *Jewish and Non-Jewish Creators of “Jewish” Languages with Special Attention to Judaized Arabic, Chinese, German, Greek, Persian, Portuguese, Slavic (modern Hebrew/Yiddish), Spanish, and Karaitic, and Semitic Hebrew/Ladino*. Wiesbaden: Harrassowitz, 2006.
- ZINBERG, Israel. *A History of Jewish Literature: Italian Jewry in the Renaissance Era*. Nova Iorque: Ktav, 1974.
- ZURARA, Gomes Eanes de. *Crónica da Tomada de Ceuta*. Lisboa: Academia de Ciências, 1915.

Recebido em 01 de setembro de 2013

Aceito em 29 de outubro de 2013